

**SIMULACRO E (DIS)SIMULAÇÃO DE CONTROLE: DIRETRIZES
CIBERNÉTICAS DE PODER NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DE A
MEMÓRIA DO MUNDO, DE ÍTALO CALVINO**

Irlim Corrêa Lima Júnior¹

RESUMO: Com base em reflexões e postulações como as de Norbert Wiener acerca do estatuto e dos desafios da cibernética para o mundo da ciência e da tecnologia, as de Gilles Deleuze, Paul Virilio, Marcuse, as quais, cada um a seu modo, problematizam as formas de poder no mundo contemporâneo, mediante a tecnologia, configurando o que tem-se designado como sociedade de controle, é a intenção do presente artigo relacionar alguns pontos nevrálgicos que possam avançar nessa discussão a partir da interpretação, à luz de tais questionamentos, de um conto de Ítalo Calvino, intitulado *A memória do mundo*. No conto, expressa-se uma profunda crise no processo imanente de reprodução virtual do mundo psicossocial, denunciando o revés inevitável e catastrófico no momento em que a controlabilidade representacional dispara uma reação em cadeia a partir da qual o incontornável assume a direção do simulacro. Com efeito, sua narrativa foca na função fio-condutor da direção, problematizada na figura do diretor, responsável pelo controle das ações que operam e orquestram os fluxos e contrafluxos existenciais, imagéticos e informacionais entre “vida real” e simulacro, em cujo intercâmbio pretende-se que o mundo inteiramente seja açambarcado. No entanto, a impossibilidade de exercer um completo controle pessoal conduz ao colapso da função de direção, multiplicando-a e esfacelando-a pelas tramas do interior da maquinaria, na qual o diretor deveria funcionar como arquiteto. A morte do diretor representaria na história, então, não a aniquilação completa do caráter diretivo, mas a disseminação multívoca de sua função dentro do processo, no qual direcionalidades fragmentárias e dispersas assumiriam o controle do simulacro.

PALAVRAS-CHAVE: Cibernética. Simulacro. Sociedade de Controle. Ítalo Calvino.

Abstract: Based on the reflections and postulations such as those of Norbert Wiener about the statute and challenges of cybernetics to the world of science and technology, as well as those of Gilles Deleuze, Paul Virilio, Marcuse, which, in their own way, problematize the forms of power in the contemporary world, by means of technology, configuring what has being designated as the control society, it's the intention of the present paper to relate some crucial points that can advance in this discussion through the interpretation, in the light of those inquiries, of a short story by Italo Calvino, entitled *The world's memory*. In this tale, it's expressed a deep crisis in the immanent process of virtual reproduction of the psychosocial world, denouncing the inevitable and catastrophic disaster at the moment when the representational controllability triggers a chain reaction from which the uncontrollable takes over the direction of the simulacrum. Thus, his narrative focuses on the guiding principle of the direction, problematized in the figure of the director, responsible for the control of the actions that conducts the existential flows and counter flows, imagetic and informational between "real life" and simulacrum, in whose exchange it's intended that the world is encompassed entirely. However, the impossibility to perform a complete personal control leads to the collapse of the steering function, multiplying and crumbling it through the plots of the machinery's interior, in which the director should work as an architect. The death of the director, therefore, wouldn't represent in the story the complete annihilation of the directive character, but the multi-valued dissemination of its function within the process, in which the fragmentary and scattered directionalities would take control of the simulacrum.

Keywords: Cybernetics. Simulacrum. Society of Control. Italo Calvino.

¹ Mestre em Filosofia pela PUC-Rio.

Introdução

“Ver e dar ordens ao mundo inteiro é quase o mesmo que estar em toda a parte.” (WIENER, 1968, p. 96) Esta frase encontra-se no livro *O uso humano de seres humanos*, de Norbert Wiener, que foi o fundador da cibernética, e coloca-nos a instigante equivalência entre uma possível ubiquidade tecnológica e a onipresença que somente seria possível a uma divindade. Essa simples comparação pode ter soado em sua época deveras exagerada, recordando que o livro fora publicado na década de 1950. De lá para cá, porém, os avanços tecnológicos permitiram que esse exagero todo se mostrasse ou uma previsão das tendências da modernidade ou, então, uma profecia autorrealizada. Ou de repente as duas coisas.

A possível autorrealização dessa profecia talvez se esteie no papel que acabou por cumprir a informática dentro da composição e da configuração do mundo contemporâneo, impossível de ser concebido sem suas tecnologias que operam, transmitem, armazenam e compartilham as informações ao redor do globo inteiro. Nosso mundo alimenta-se e sustém-se dessa rede informacional, a qual só é viável graças à computação.

A cibernética tem a ver com isso na medida em que se estabeleceu como a ciência que apresentou as diretrizes para esse processo de tecnologização do mundo e da sociedade em meados do século passado, quando a informática começou a esboçar seus primeiros saltos²: por um lado, ela equipara todo o real à informação e, por outro, subscreve à tecnologia a necessidade de exercer um crescente controle sobre a informação. Por essa razão, o controle sobre a informação – captando-as, comandando-as – não diferiria muito da onipresença divina. Mais do que uma ciência meramente tecnológica, a cibernética exerce uma função metafísica no processo civilizacional de desenvolvimento tecnológico: a cibernética pode ser compreendida como a ciência que pretende assumir a direção ou a condução (*kybernetés*, em grego, significa *piloto* ou *timoneiro*, etimologia que Wiener, filho de filólogo, sempre gosta de recordar) desse progresso tecnológico, delimitando suas tendências elementares e fins.

² “O sonho de Wiener, de uma ciência universal da comunicação e do controle, apagou-se com o correr dos anos. A cibernética deu origem a novas áreas como ciências cognitivas e estimulou pesquisas valiosas em numerosos outros campos. (...) Assim, a cibernética, que estava baseada em uma inspirada generalização, tornou-se vítima da incapacidade para lidar com detalhes.” (KUNZRU, 2013, p. 125-126) Embora a cibernética tenha praticamente desaparecido no mundo da ciência enquanto uma especialidade, o fato de estabelecer os princípios fundamentais que deveriam nortear os desenvolvimentos computacionais fez com que, de alguma forma, permanecesse – de forma remota e onipresente, e por isso mesmo ausente como uma ciência operacional – como uma espécie de metafísica do desenvolvimento tecnológico. Importa-nos aqui, portanto, considerá-la justamente à luz dessa sua influência no âmbito que envolve as diretrizes que modulam tecnologicamente os rumos do nosso mundo.

Um problema inquietante nessa comparação: o fato de sabermos, por exemplo, quem estaria no comando do mundo com a onipresença divina, mas desconhecermos quem comanda nessa ubiquidade tecnológica, pois a cibernética, como ciência da direção, consistiria no modo de operação, mas não responde por quem de fato, dela se apropriando, exerceria o comando.

Uma outra passagem de Wiener é igualmente estarrecedora, realocando-a num contexto de reflexão em que estivéssemos submetidos ao controle que se opera através da tecnologia: “O que seja usado como peça de uma máquina é, de fato, uma peça dessa máquina.” (WIENER, 1968, p. 183) Este excerto coaduna-se perfeitamente com o título do livro, que traz potencialmente consigo a ideia de que nós, seres humanos, nada mais somos do que os usos humanos que fazemos de nós mesmos. A partir disto, não nos espanta muito que considere que as peças de uma máquina identifiquem-se perfeitamente com o uso que delas se faça. Essa forma de pensar parte do pressuposto de que a realidade é, elementarmente, informação, o que também nos inclui. O que a tecnologia, sob diretrizes cibernéticas, realizaria, então, mostrar-se-ia principalmente como o poder de captar as efetividades do mundo real em suas essências informacionais, inclusive e sobretudo nós mesmos, e, desta forma, orquestrar controle e comandos sobre elas, potencializando, com isso, a própria usabilidade desse complexo e rico material humano.

Transmutar-nos-íamos em peças imateriais dentro desse sistema – em outras palavras, informações.

Direção do controle: a gravação e a programação do mundo e da vida

No conto *A memória do mundo*, Ítalo Calvino lança mão da imaginação para versar sobre esse tema de transformação do real em informação, apresentando ao leitor a história, vista sob a perspectiva narrativa do personagem que executa a função de diretor, de uma imensa organização, a qual funciona como uma espécie de corporação, com seu corpo executivo, diretores, departamentos e funcionários, que possui por tarefa e campo de atuação principais o de realizar, nas palavras do próprio diretor, “o maior centro de documentação já projetado, um fichário que reúne e ordena tudo o que se sabe sobre cada pessoa e animal e coisa, em vista de um inventário geral não só do presente mas também do passado, de tudo o que houve desde as origens”. (CALVINO, 2001, p. 110)

O conto consiste numa fala contínua, ininterrupta, durante uma entrevista ou reunião, em que o diretor confia a seu funcionário, Müller, que a sua carta de demissão fora aceita e que já estaria em iminência de sair a nomeação do próprio Müller como novo diretor, assumindo, então, seu lugar na empresa. Após tal notícia, o diretor começa a expor, desde seus aspectos mais gerais até suas particularidades, o novo ofício que Müller deveria desempenhar em breve, o que, claro, constitui um hábil artifício narrativo da parte de Calvino a fim de desenhar para seus leitores toda a ideia envolve a empresa.

A grande missão do projeto da empresa é converter tudo em informação, criando um banco de dados que funcione como “uma memória centralizada do gênero humano (...) tentando armazená-la no espaço mais restrito possível, baseado no modelo das memórias individuais dos nossos cérebros.” (CALVINO, 2001, p. 110)

Esse escopo inicial acaba descambando para além dos limites da razoabilidade, e a transgressão resulta numa crescente compulsão, que se mostra consecutivamente com a tensão narrativa, de transformação de todo e qualquer real efetivo em informação, a ponto de a realidade informacional ganhar mais força e status de realidade do que a realidade de carne e osso. Contudo, na verdade, não era a ideia inicial; a princípio, a organização geraria um gigantesco, claro, mas restrito depósito de informação, que servisse como uma espécie de enciclopédia virtual que conseguisse a proeza de catalogar todas as coisas em sua especificidade geral, obliterando idiosincrasias e singularidades que não fossem essenciais. Converter em informação, pois, a princípio significaria assegurar a retenção dos aspectos essenciais presentes em cada objeto efetivo do mundo – o que, husserlianamente, diríamos realizar redução eidética. Essa *epokhé* informacional organizar-se-ia em uma malha complexa moldada em analogia com o cérebro humano, donde que, daí, justifica-se ter recebido o conto o título de *A memória do mundo* – sintetizando, numa só expressão, a forma pela qual temos acesso às informações presentes em nosso cérebro (quer dizer, como memórias) e o objeto geral e total, a saber, o mundo, que deve ser apreendido por esse armazém de memória.

A cibernética já carregava consigo a pretensão de equiparar a memória das máquinas à memória humana e parece que num futuro muito próximo realizaremos engenharia reversa de nosso cérebro, o que pode descerrar possibilidades inimagináveis para a complexificação exponencial da organização das informações e para o desenvolvimento de inteligências artificiais. O que, contudo, o conto de Calvino apresenta de mais intrigante e original é a exposição em termos psicopatológicos de como que se passa, quase que naturalmente, da

necessidade de criação um reservatório de memória para a compulsão frenética de engolir a realidade por inteiro nesse reservatório.

O resultado final do nosso trabalho será um modelo em que tudo conta como informação, mesmo o que não é. Só então se poderá saber, de tudo o que foi, o que é que contava verdadeiramente, ou seja, o que é que existiu verdadeiramente, porque o resultado final da nossa documentação será ao mesmo tempo o que é, foi e será, e todo o resto não será nada. (CALVINO, 2001, p. 113)

O que restar, o que ficar de fora do processamento e armazenamento da memória do mundo tornar-se-á nada. Não apenas terá caído no oblívio, mas será como se nunca tivesse existido, nunca tivesse sido verdadeiramente. Resulta isto de uma tensão presente entre forças antagônicas de conferir à realidade o status do ser original que deve ser apreendido e, de outra parte, de interpretá-la retroativamente como matéria-prima naturalmente disponível que fornece o que, tendo sofrido processamento, converte-se em informação já modulada em seu acabamento. Com isso, as coisas que existem *in natura* são concebidas como não mais que dados – dados que podem encontrar o destino do curso natural da entropia, que as conduz à destruição e à dispersão (e é precisamente a guerra humana contra entropia a principal motivação da ciência cibernética); ou, ao contrário, como dado capturado e que, ao ser processado e estocado, é resgatado e pode, então, encontrar seu lugar ao sol da verdade humano-tecnológica. No clima da concepção de verdade expressa à moda heideggeriana, a *Unverborgenheit*, a *alétheia* (desvelamento ou desencobrimento), poderíamos afirmar que o ente se desencobriria para a cibernética como informação – seja na sua instancialidade natural como material para informação, seja já instanciada como informação já formada, posto que organizada.

O que, porém, arrasta para essa compulsão já era entrevisto com a passagem de Wiener sobre como o que funciona como peça de uma máquina de fato se revela como peça dessa máquina. Faltou na frase do fundador da cibernética, contudo, apenas um *somente*; mas em Calvino esse passo decisivo para a restrição do ser à funcionalidade da maquinaria é realizado, mesmo que apenas e ainda literariamente, pela função inerente ao cargo de diretor e pela força de atração compulsória que atravessa e arrasta o diretor mesmo à abissal *hýbris* de se sentir compelido a tragar toda a realidade em informação – fazer com que a informação realize a suprassunção (a *Aufhebung* hegeliana) de teletransportar para a idealidade computacional as coisas mesmas, transmudando-as em verdadeiras. Ele mesmo confessa a Müller como se sentiu tentado a catalogar todas as coisas nos seus mínimos detalhes,

inclusive “bocejos, furúnculos, associações de ideias inconvenientes, assobios” (CALVINO, 2001, p. 113) e por aí vai. Essa tentação, contudo, não se constitui, para o diretor, como um abuso de poder; ela é intrínseca à função, um componente essencial do seu trabalho, e tal é o poder de conferir “uma marca pessoal à memória do mundo” (idem, p. 113).

A explicação desse poder integra a reviravolta que ocorre no meio do conto com a passagem da pretensão de traduzir a verdade em informação para a produção da informação como uma forma de mentira. A reflexão que o diretor elabora entre o binômio verdade e mentira não é, porém, da ordem de contraditórios, mas de ambos como complementares. Uma verdade puramente objetiva seria, aos seus olhos, uma imagem distante da verdade, que falsearia o objeto em suas especificidades situacionais – e a situação é o local da verdade, o que, pois, pressupõe a ótica de uma perspectiva. A perspectiva sob o plano de uma subjetividade, portanto, é não um afastamento da verdade, mas a condição *sine qua non* para a sua captura. E, entretanto, a tarefa do diretor é a da transmissão para a posteridade da mentira. A mentira é a versão que a função do diretor produz, que se alinha, aliás, com a própria narrativa elaborada por Calvino no conto: não conhecemos o que é o projeto da memória do mundo a não ser sob a perspectiva e a voz do diretor. A memória do mundo é uma produção de corte e colagem de fluxos vão da verdade à mentira.

A mentira é, pois, a ficcionalização da vida real – e daí seu caráter mentiroso, na medida em que apresenta uma outra versão da realidade. Contudo, essa realidade não possui nenhuma realidade verdadeira substancial em si mesma. Como coisa real, ela seria apenas uma imagem ideal, mas por isso mesmo abstrata e fria. O que faz com que a vida ganhe vida é a perspectiva, a subjetividade que lhe produz matizes e singularidades que não são somente entrevistas, mas passíveis de serem captadas. A totalidade da memória do mundo requer, em seu constructo, o arco da visão do diretor, em sua captura e organização. A verdade é absorvida pela perspectiva, mas a perspectiva da direção, imbuída do projeto que se vê coagida e seduzida a fazer, nunca é passiva; pelo contrário, encontra-se previda por uma força ativa, que a constringe a fazer da ficcionalidade da informação o ser originário e, assim, a ter de sobrescrever a realidade com a informação, corrigindo aquela com esta, porque no espaço-tempo da perspectiva do diretor enfim a informação logra alcançar a máxima potencialidade de sua perfeição. No último parágrafo do conto, expõe peremptoriamente seu ofício: “Se na memória do mundo não há nada a corrigir, a única coisa que resta a fazer é corrigir a realidade ali onde ela não coincide com a memória do mundo.” (CALVINO, 2001, p. 116)

A compulsão pela correção contínua da realidade é motivada, portanto, pelo alcançar a incorrigibilidade do sistema, subtraindo dele toda imperfeição, imprevisibilidade, espontaneidade que são próprias da vida. Quer dizer, realizar a modulação da vida em informação até que então ela seja por completo apropriada pela perfectibilidade da máquina de controle que a filtra, a depura, a processa, a armazena.

Da formatação compulsiva da vida ao simulacro cibernético de controle

A memória do mundo é aquilo que, no campo literário, corresponde ao que Deleuze designou como sociedade de controle e que constitui um novo paradigma de dispositivo de poder sobre corpo social, com a chegada ao fim da sociedade disciplinar, delineada nas obras de Foucault, e que também representa uma nova mutação do capitalismo, um novo regime de poder do capital; com efeito, escreve:

Não há necessidade de ficção científica para conceber um mecanismo de controle que forneça a cada instante a posição de um elemento em meio aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica). Félix Guattari imaginava uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças ao seu cartão eletrônico, que removeria qualquer barreira; mas, do mesmo modo, o cartão poderia ser rejeitado tal dia, ou entre tais horas; o que conta não é a barreira, mas o computador que localiza a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal. (DELEUZE, 2008, p. 224-225)

Guattari concebeu a ideia de um controle que fosse operado ainda por barreiras físicas, mediante um cartão pessoal e intransferível que possibilitasse o acesso às múltiplas dimensões da metrópole. O mais relevante disso não é nem tanto a aceitação ou a rejeição do sistema, mas que acima de tudo um computador remotamente localize o usuário, operando uma modulação universal, a qual ao mesmo tempo é capaz de definir singularmente não somente sua localização, mas simultaneamente seus trajetos, monitorando constantemente seu fluxo e transformando sua vida em informações.

Deleuze tem toda razão quando diz ser dispensável a ficção científica para conceber essa ideia, bastava direcionar um olhar mais penetrante para as tendências e configurações do seu tempo. Essa aparente utopia tem lugar justamente na distopia do nosso presente: as novas tecnologias presentes em nossas vidas, encabeçadas pelo avanço da internet sobre o globo terrestre. Atualmente a internet e os mais variados *gadgets*, pelos quais podemos estar constantemente conectados, tornaram os dispositivos conceituais de Deleuze para a sociedade

de controle uma realidade altamente presente e, muitas vezes, encarada de forma trivial, pois fazem parte do nosso cotidiano e dos nossos afazeres, configurando-se como um dos elementos mais centrais do nosso modo de vida, senão o próprio centro nevrálgico do mundo contemporâneo.

A internet tem a capacidade de, convertendo absolutamente tudo o que trafega dentro dela, em informações, dados e metadados, processar as pessoas reais, transformando seus afetos, gostos, comportamentos, opiniões, expressões etc., em virtualidades. Se a conversão de todas as coisas em informação, operada de maneira remota e descentralizada pela internet, corresponde à essência de nosso admirável mundo novo, então de alguma forma as singularidades todas são apropriadas por essa essência difusa, ramificada e complexa.

Essa condição geral da sociedade contemporânea é vislumbrada por Deleuze quando diz que os “indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘*bancos*’.” (DELEUZE, 2008, p. 222) A *dividuação* de que ele fala é a divisão e a organização das singularidades sob as modulações de cifras e senhas, que esquadrinham as posições, as relações e as ações dos indivíduos no ciberespaço, codificando-as sob um mesmo arcabouço que as identifica. A forma como essa “dividuação” – ou melhor, esse princípio de individuação ou singularização da era pós-moderna – efetiva-se por meio do que Deleuze cunhou o nome de *modulação universal*. Esta modulação universal encontra sua correspondência no conto de Calvino com a conversão da realidade em informação, o que, como vimos, não é enfim mera conversão, mas uma forma de suprassunção capaz de sobrecorrigir retroativamente a realidade a partir de seu *télos* informacional. Que as modulações universais são capturas, que processam e armazenam, não restam dúvidas; o principal, porém, é que antes de tudo e além disso realizam a exigência de continuamente corrigir a realidade de carne e osso, exercendo comando e controle sobre ela, a partir das necessidades de suas perspectivas. A perspectiva de e para o controle biopolítico.

Na mesma época em que Deleuze escreveu o *Post-scriptum*, no início da década de 1990, Mark Weiser esboçava em seu artigo *O computador do século XXI* (1991) as diretrizes da tecnologia para um futuro próximo, sob a ideia de ubiquidade tecnológica, que se apresentava como uma crítica de se imaginar que o futuro fosse tomado pela realidade virtual. Para Mark Weiser, a tendência é que cada vez mais a computação integrasse de forma quase que natural a vida das pessoas. O que em sua época apenas os protótipos e a imaginação poderiam conceber, torna-se hoje uma realidade patente e habitual.

O interessante é como que isso dista diametralmente e ao mesmo tempo realiza aquilo para o que a cibernética tende desde o berço: a ubiquidade tecnológica, transmutada da conversão de toda a vida em informação, para a presença em toda a parte de dispositivos tecnológicos confluindo para uma comunhão metabólica com a vida, em que a informação encontra-se incorporada à vida.

De qualquer forma, em ambos os casos o que está em jogo é a presença de formas de controle sobre a vida: seja ela reproduzida como informação, seja sob constante modulação da vida sob a interação com fluxos de informações, o que importa é que em qualquer das alternativas o controle se estabelece como a maquinaria que determina a produção e o controle dos modos de vida da sociedade e das configurações das subjetividades, que não se constituem fora dos fluxos, influências e nexos da malha digital que a tecnologia engendra, infiltrando-se por toda parte, tornando-se mediação universal de todas as singularidades e, concomitantemente, movendo-as integralmente à consumação de um controle sem limites e que se autorreproduz automaticamente, arrastando a tudo e a todos como peças intrassistêmicas de sua maquinaria, que as dispõe enquanto tais e que delas se apropria, como claramente já Marcuse observava em seu tempo:

Somente no *medium* da tecnologia, o homem e a natureza se tornam objetos fungíveis de organização. A eficácia e a produtividade universais do aparato ao qual são subordinados vela os interesses particulares que organizam o aparato. Em outras palavras, a tecnologia se tornou o grande veículo de *espoliação* – espoliação em sua forma mais madura e eficaz. (...) O mundo tende a tornar-se o material da administração total, que absorve até os administradores. (1967, p.162)

Se nos tempos de Marcuse muito claramente a mediação universal operada pela tecnologia era uma realidade incontestável, quanto mais não seria para os tempos hodiernos, quando ela tornou-se realmente ubíqua, presente em cada canto, capaz de penetrar nas singularidades e modulá-las como peças ou fragmentos de seu funcionamento. A ponto mesmo de engolir seus administradores nesse processo.

Ou, no caso do conto de Calvino, de absorver a figura do diretor; o que, nesta nossa precária vida não literária, significaria, no fundo, que o papel dos grandes centros de controle encaminha-se progressivamente para um estágio em que não exerce senão a função de uma peça, cujo orquestramento realiza-se pelo corpo total da máquina e não pelo arranjo particular dos seus fragmentos ou peças. Essa é, afinal, conforme veremos, a grande mensagem que o conto de Calvino alberga consigo.

Bertolt Brecht, já em seu tempo, reconheceu a impossibilidade de representar o mundo contemporâneo no teatro, devido às sucessivas modificações a que estaria sujeito, por encontrar-se sempre num “estado de negatividade que deve ser negado”. (apud MARCUSE, 1967, p.162) O mundo não pode encontrar-se patente diante dos olhos de um espectador, pois qualquer representação já não possui mais o poder de conduzir a realidade à objetividade. Toda objetividade não é senão uma perspectiva dentro da malha de organização de informação do mundo. Quer dizer, a pretensão de visar o todo fada-se a baldar-se, pois cada visada particular é uma parte do todo: o todo representado, portanto, é um fragmento informacional que não remete ao todo constitutivo da estrutura de poder, mas há uma fragmentação intransponível entre fragmento e o todo. Podemos conceber similarmente isto como se quiséssemos representar diante de nós mesmos todas as informações presentes no nosso cérebro. Mas com que “verdade” nos depararíamos se como espectadores fizéssemos parte dessas informações e ao mesmo tempo ela tivesse que ser não mais que partes de nós enquanto espectadores?

A razão principal disto é que representação e vida tornaram-se um único complexo: tudo torna-se um simulacro, sim, uma espécie de dissolução entre vida e representação, mas em que nem a vida se arrefece, nem a representação se encarna. Um metaestado realiza-se, na verdade, como terceira via: a penetração informacional ubíqua na própria vida, a transmigração dos agenciamentos da vida para dentro da lógica maquínica das estruturas de controle. Esse intercâmbio consolida a realidade como um todo sendo um simulacro: um estado para além do estado entre mera informação e mera vida de carne e osso, ambas apropriadas, processadas, configuradas e armazenadas por uma estrutura de poder comum, cuja tessitura total é uma realidade que se entretece pelos fragmentos, impossibilitando ser apreensível em sua totalidade, se é que existe uma totalidade; cuja contínua fragmentação pelas partes em que adentra faz com que se tornem peças do seu sistema, reproduções vivas e espontâneas do seu metabolismo, tornando-se agentes dos seus fluxos, quando esses mesmos agentes, na verdade, não são mais que agenciados pela lógica imanente de autoprodução do controle.

O mesmo vale para o conto de Calvino, e o título *A memória do mundo* batiza com ironia a sua falência em configurar-se como memória do mundo. Em primeiro lugar, porque o mundo não pode ser jamais representado, ele é sempre dentro da perspectiva do diretor, que tece a sua verdade enquanto memória e também corrige a realidade original que o simulacro deveria reproduzir, mas que na verdade reproduz a realidade sob os moldes da produção do

próprio simulacro. E, ademais, podemos levantar a hipótese de que a sua narrativa por inteiro não fosse senão um registro dentro da memória do mundo, como se fosse somente uma informação ali presente e, nesse sentido, o diretor não fosse o organizador do todo da memória do mundo, mas uma peça, que não passasse de um simulacro dentro desse mundo de simulacro, que simulasse como se houvesse alguém responsável pela constituição total da memória do mundo, quando, na verdade, não haveria ninguém, sendo a própria função de direção também uma peça da máquina. A máquina, desta forma, teria produzido, como autojustificação e autoficcionalização de sua verdade, o diretor, a companhia, os departamentos, Müller e todo o projeto.

Mesmo nessa dupla possibilidade de interpretação, encontraremos uma convergência para um único ponto, aquilo que Marcuse delineou com o absorvimento dos administradores pela maquinaria tecnológica. A máquina de controle engole, com efeito, aqueles que se deixam levar inexoravelmente pela sua compulsão de controle. Isto independente se pensarmos o diretor como mero simulacro dentro da memória do mundo ou se lermos o conto a partir da perspectiva de uma pessoa real que teria criado essa maquinaria de informações. No final, o diretor é necessariamente tragado e deve existir simplesmente como informação no interior da máquina de controle.

Algo como uma pulsão de morte arrasta-o a esse destino. No conto essa pulsão apresenta-se sob a forma do ciúme (desejávamos ter tempo e espaço para traçar um paralelo com a função do ciúme em Otelo, de Shakespeare, como emoção compulsiva que desencadeia versões ficcionais sobre o simulacro da peça, convulsionando as perspectivas múltiplas dos personagens, disparando cadeias de ações que se dirigirão para um desenlace trágico). Ciúme que o diretor, em seu próprio relato, confia a Müller sentir por sua esposa, Angela, mas não pela sua versão efêmera e original, com todos os seus defeitos e imperfeições, mas por aquela que se tornou efetivamente o objeto de sua libido, a Angela-informação, aquela com quem deverá permanecer eternamente junto, com a sobrevivência e a perpetuação do mundo informacional sobre a vida. Compulsivamente o diretor cuida de corrigir o simulacro de sua esposa, delegando para o processo de entropia natural que tende à destruição das informações da vida a tarefa de operar o deletamento das idiosincrasias inconvenientes da Angela original. Mas, para que a Angela original não pudesse mais fornecer matéria-prima para novas informações defectíveis, fora preciso que o diretor aniquilasse-a; com efeito, eliminou-a do mundo real, assassinou-a, despedaçando seu corpo, dando fim a cada pedaço, desintegrando-a para sempre da vida. A Angela-informação passa a assumir, com isso, o status de única

possibilidade de acesso à verdade ao ser e à subjetividade da Angela; a informação sobrescreve-se completamente à vida, formatando-a. Contudo, uma única coisa lhe restará: dar cabo aos amantes de sua esposa, por justamente carregar sua permanência a possibilidade de que, ao se transmigrarem os amantes para a memória do mundo, não acontecesse de se macular o simulacro da Angela. Não basta destruir os ficheiros de todos os colegas de trabalho do diretor que foram amantes de sua esposa, faz-se imperativo eliminá-los também da vida. Por essa razão explica a Müller que, não importando as consequências, seu último ato como diretor será a consumação da morte deles, de todos os amantes. Dentre os quais, o próprio Müller: seu sucessor é quem deve morrer em primeiro lugar. O diretor, então, saca uma pistola e diz que o matará, e neste exato instante, pois, o conto encerra-se.

O diretor inicia o conto expondo que sua carta de demissão foi aceita, e o conto termina com a morte de seu sucessor. A função do diretor, assim, como cargo responsável em primeira mão pela produção da memória do mundo é revogado. Mas isso sob a perspectiva de que haja alguém de fora do seu processo produtivo. O diretor ainda permanece, peremptoriamente, como simulacro na imanência da memória do mundo.

Considerações finais

No conto de Calvino, o diretor eterniza-se como uma peça no interior da máquina de controle. E não é justamente este o sentido da tecnologia, como mediação universal, absorver seus administradores? Não há, portanto, mais quem exerça um completo controle total e teleológico: na proporção em que o avanço tecnológico expande-se, progressivamente o cargo de direção, instilando-se ao próprio processo que começara a executar, adentra suas malhas, converte-se ele mesmo em não mais que uma peça dentro do funcionamento geral da maquinaria. A Angela-informação é a imagem que, no conto de Calvino, representa a compulsão de poder que obsessivamente persegue seu próprio esfacelamento, descarregando todas as suas energias na consumação máxima de controle sobre a vida, mas que, por isso mesmo, vê-se coagida em realizar o sacrifício de si mesma para a consumação do controle. O controle tende a exercer-se sobre a vida, tornando-se mediação de suas modulações e consumação dos seus sentidos, que só se revelam à luz da informação. Mas a vida é originariamente o espontâneo e o incontrolável. Como pode então haver uma sociedade de controle, como pode o controle tomar posse da realidade? Através do sacrifício expiatório do controle pessoal, que expia a culpa de *hýbris* de levar o controle à exigência de dominação

mundial, com a oferta do seu cargo como algo a ser absorvido pela lógica imanente da maquinaria de controle. A tecnologia assume o controle sobre o real ao tragar todas as coisas em informação, ao menos em sua essencialidade, inclusive aqueles que supostamente reteriam as rédeas do controle e que se colocariam fora do seu arco de ação. Contra qualquer forma de controle, o controle é inexpugnável: ele dispara uma reação em cadeia que conduz ao colapso das administrações e das direções, transmutando-as em peças que o controle mesmo orchestra. O diretor é eliminado e torna-se inviável, com a morte do seu sucessor, uma sucessão de uma linha de controle. Para governar o incontrolável da vida requer-se que o controle torne-se também um simulacro. O simulacro do incontrolável sobreescrevendo-se como controle do incontrolável, controle da produção biopolítica da sociedade e das singularidades.

Entretanto, a saída do diretor desempenha não a aniquilação completa do caráter diretivo, mas a disseminação multívoca de sua função dentro do processo, no qual direcionalidades fragmentárias e dispersas assumiriam o controle do simulacro. Controle do incontrolável é a espécie de captura efetuada pela máquina de visão, o *perceptron*, conforme a terminologia de Paul Virilio (1994, p. 86-107), que se apropria do real e de sua temporalidade, convertendo completamente sua produção e reprodução em automação de imagens em segmentação contínua de cegamento, inviabilizando panópticos ou formas de controle congêneres. A memória do mundo transforma-se numa tessitura que escapa para além dos limites da informação, inscrevendo seu domínio sobre a vida. Essa memória revela-se uma máquina de visão, cuja percepção não é percebida nem controlada propriamente por ninguém de fora – não há *quem* a controle: o controle é uma produção autorreprodutiva e automática de mais controle, assim como o capital é uma produção automática de mais-valor. Não há nenhum sujeito que exerça o controle: sua controlabilidade é da ordem lógica de uma subjetividade automática, recordando aqui as palavras de Marx em *O capital* (2013, p. 213). Mesmo disputada pelos centros de poder presentes no interior do maquinário, em seu campo de imanência que engole todos os horizontes, o controle transcende às pretensões de tomada de poder sobre o controle. E, desta forma, como incontrolável processo que desencadeia o controle sobre a vida, a memória do mundo metamorfoseia-se no próprio mundo, mediando-o e consumando-o: englobando-o, por todas as partes.

BIBLIOGRAFIA

CALVINO, Ítalo. A memória do mundo. In: _____. *Um general na biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 118-124.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-226.

KUNZRU, Hari. Genealogia do ciborgue. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 121-126.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, Karl. *O capital: Livro I*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

WEISER, Mark. The computer for the 21st century. *Scientific American*. EUA, setembro de 1991. Disponível em: <https://www.ics.uci.edu/~corps/phaseii/Weiser-Computer21stCentury-SciAm.pdf>. Acessado em: 01 de setembro de 2015.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1965.